

A desigualdade entre negros e não-negros no mercado de trabalho, no período 2004-2008

Para marcar a passagem, nesta sexta-feira, 20 de novembro, do Dia da Consciência Negra, o Sistema PED produziu, nas cinco regiões metropolitanas - Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo - e no Distrito Federal, boletins regionais que analisam a situação atual do mercado de trabalho para a população negra. Os dados para o período de 2004-2008 mostram, em parte das regiões pesquisadas, melhora na situação dos negros no mercado de trabalho no que se refere à desigualdade de oportunidades ou rendimentos. No entanto, as grandes diferenças entre negros e não-negros não foram eliminadas.

As análises foram desenvolvidas a partir dos indicadores da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada por meio da parceria entre o DIEESE e a Fundação Seade, com apoio do Ministério do Trabalho e Emprego e convênios com instituições e governos locais. O quadro comparativo entre os dois anos considerados mostra comportamento bastante diversificado por região.

Veja aqui o estudo para cada uma das regiões:

Distrito Federal <http://www.dieese.org.br/ped/brs/negrobrs2009.pdf>

Belo Horizonte <http://www.dieese.org.br/ped/bhz/negrobhz2009.pdf>

Porto Alegre <http://www.dieese.org.br/ped/poa/negropoa2009.pdf>

Recife <http://www.dieese.org.br/ped/recife/negrormr2009.pdf>

Salvador <http://www.dieese.org.br/ped/ssa/negrossa2009.pdf>

São Paulo <http://www.dieese.org.br/ped/sp/negormsp2009.pdf>

Acesse também: www.dieese.org.br

Escritório Nacional: rua Ministro Godói, 310 | Perdizes - São Paulo | CEP 05001-900
| Tel. 3874-5366

Escritórios Regionais: Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe

www.dieese.org.br

A desigualdade entre negros e não-negros no mercado de trabalho, no período 2004-2008

A população negra(1) em idade ativa - 10 anos ou mais - diminuiu sua representação na população total do Distrito Federal entre 2004 e 2008, ao passar de 67,5% para 59,6%, não obstante o crescimento, em termos absolutos, verificado no período. O crescimento econômico mais acelerado dos últimos anos e a melhora dos principais indicadores de mercado de trabalho, no entanto, não foram suficientes para atenuar, de forma sensível, as grandes diferenças entre negros e não-negros.

Segundo as informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Fundação Seade e do Dieese, a População Economicamente Ativa - PEA negra diminuiu entre 2004 e 2008 (de 68,1% para 60,6%), mas aumentou a proporção de ocupados e decresceu a de desempregados em relação à sua PEA. Esse fato, no entanto, pouco modificou a sobre-representação dos negros no contingente de desempregados do Distrito Federal (de 73,2% em 2004, para 65,1% em 2008), refletindo suas maiores dificuldades para se inserirem no mercado de trabalho.

Do ponto de vista das mudanças na composição setorial da ocupação, têm-se comportamentos semelhantes entre negros e não-negros, sendo que para os primeiros destaca-se o crescimento do nível ocupacional na Indústria, no Comércio e na Construção Civil e o decréscimo nos Serviços e nos Serviços Domésticos. Ademais, em que pese o crescimento expressivo do emprego formal nos últimos anos, a expansão do contrato de trabalho padrão como principal forma de contratação por parte das empresas deu-se de forma mais acelerada entre os não-negros do que entre os negros.

Acrescente-se ainda que as diferenças entre negros e não-negros não apresentaram mudanças suficientemente claras entre 2004 e 2008 quando analisadas pelo prisma das formas de inserção segundo níveis de qualificação e tipos de tarefas a eles associados: se, por um lado, declinou a participação relativa de não-negros nos postos de direção, gerência e planejamento, por outro lado, a dos negros permaneceu praticamente estável, além de ter ocorrido uma ampliação da sua participação em tarefas de execução e uma diminuição naquelas de apoio. Por outro lado, em termos de escolaridade, aqui entendida como uma variável importante para explicar o acesso a postos de trabalho de qualidade, os dados demonstram que, o aumento do nível de escolaridade, embora tenha ocorrido para ambos os segmentos de raça/cor, foi mais intenso para os negros.

Como conseqüência, tem-se para o período um crescimento do rendimento médio real dos negros (13,3%) em ritmo inferior ao verificado entre os não-negros (18,0%). Este resultado favoreceu a ampliação da grande diferença existente de rendimentos entre negros e não-negros (o rendimento dos negros passou de 66,3% do valor dos não-negros, em 2004, para 63,6%, em 2008), o que indica que a expansão da economia e da ocupação nos cinco últimos anos não foi suficiente para atenuar tal desigualdade.

Mercado de Trabalho

1. A População Economicamente Ativa - PEA negra diminuiu entre 2004 e 2008, passando de 68,1% para 60,6% da força de trabalho disponível no Distrito Federal. Entretanto, a proporção de ocupados em relação à PEA aumentou de 77,5% para 82,2% e a de desempregados reduziu-se de 22,5% para 17,8%. Em 2008, o contingente de negros economicamente ativos foi estimado em 812 mil pessoas.

2. Em contrapartida, a PEA não-negra aumentou de 31,9% para 39,4%, no período, sendo que a proporção de ocupados também cresceu (de 82,5% para 85,3%) e a de desempregados reduziu-se (de 17,5% para 14,7%). Em 2008, 529 mil pessoas não-negras estavam no mercado de trabalho da região.

3. Apesar de a população negra corresponder a 60,6% das pessoas presentes no mercado de trabalho do DF, sua proporção no contingente de desempregados da região correspondeu a 65,1% desse total em 2008.

4. A taxa de participação (2) dos negros é ligeiramente superior à dos não-negros, sendo que tal distância ampliou-se no período em análise. Em 2008, esta taxa era de 66,4%, para os negros, e 63,8%, para os não-negros. As informações mostram que os negros tendem a entrar mais cedo no mercado de trabalho e a permanecer nele por mais tempo, como mostra a taxa de participação mais elevada entre os negros nas faixas etárias extremas – comportamento que não se altera entre 2004 e 2008.

5. Por posição no domicílio, as taxas de participação dos chefes negros (79,4%) eram um pouco superiores às dos não-negros (74,4%), em 2008 – reafirmando o papel de principais provedores de suas famílias. Nota-se, ainda, que as cônjuges negras apresentavam taxas de participação mais elevadas do que as não-negras, o que não ocorria entre os filhos, onde as taxas de participação eram bastante semelhantes entre negros e não-negros.

Desemprego

6. A taxa de desemprego total dos negros é superior à dos não-negros e ambas diminuíram no período analisado. Esse decréscimo foi mais intenso entre os negros, fazendo com que a diferença de suas respectivas taxas se reduzisse de 5,0 para 3,1 pontos percentuais. Para as mulheres, há maior dificuldade de inserção produtiva, evidenciada pela taxa de desemprego recorrentemente maior do que a masculina. As mulheres negras, em especial, detêm os resultados mais desfavoráveis, pois sua taxa de desemprego total era a mais elevada (20,8%, em 2008), enquanto a das não-negras correspondia a 18,4%.

7. Apesar da diminuição do tempo médio despendido na procura de trabalho para negros e não negros, no período analisado, não se alterou o fato de que os desempregados não-negros passam menos tempo nessa busca: 61 semanas em média, em 2008, contra 65 semanas para os negros.

8. De forma geral, as mulheres gastam mais tempo na procura de um trabalho. Esse tempo, que em 2004 era igual para as não-negras e para as negras (76 semanas), modificou-se em favor das trabalhadoras não-negras em 2008: enquanto estas despendiam 67 semanas para obter um trabalho, as negras precisavam, em média, de 72 semanas para conseguir um posto de trabalho. Entre os homens, a queda no tempo de procura de um trabalho foi muito mais acentuada: em 2004, os não-negros procuravam em média 61 semanas e os negros, 72 semanas; em 2008, ambas recuaram para, respectivamente, 51 semanas e 55 semanas.

Ocupação

9. Entre 2004 e 2008, ocorreram algumas alterações na estrutura ocupacional por setor de atividade, sem que, no entanto, tenha havido uma aproximação substancial entre a composição ocupacional por setor de atividade entre negros e não-negros. No período em análise, constata-se que, entre os negros, ampliou-se a importância da Indústria, do Comércio e da Construção Civil, enquanto que o setor de Serviços e os Serviços Domésticos perderam importância relativa como segmentos econômicos empregadores da mão-de-obra negra. Já entre os não-negros, a evolução ocupacional entre os setores de atividade foi bastante semelhante à verificada entre os negros, com exceção do comportamento do Comércio, que, neste caso, permaneceu estável.

10. A jornada de trabalho permaneceu inalterada no período analisado. Em 2008, os assalariados negros trabalhavam, em média, 42 horas semanais e os não-negros, 41 horas. Ademais, frise-se que as jornadas eram bastante semelhantes entre os dois grupos de raça/cor quando analisadas sob a ótica dos principais setores de atividade.

11. Nos últimos anos, os resultados da pesquisa têm mostrado aumento da contratação formal, isto é, crescimento mais intenso do assalariamento com carteira de trabalho assinada. De fato, analisando-se o total de postos de trabalho gerados por empresas, observa-se ampliação da participação daqueles com contratação padrão (assalariados contratados diretamente pela empresa, com carteira de trabalho assinada nos setores privado e público e como estatutários), de 69,0%, em 2004, para 69,9%, em 2008. Neste último ano, destaca-se, ainda, a proporção menor desta forma de contratação entre os negros (68,3%) e maior entre os não-negros (72,1%).

Em contrapartida a esta parcela com vínculo empregatício formalizado, há outra em situação oposta, sem acesso aos benefícios garantidos pela legislação trabalhista, cuja maior participação é a de ocupados negros: 11,6% destes e 9,9% dos não-negros estavam em postos de trabalho gerados por empresas sem carteira de trabalho assinada no setor privado; 4,5% dos negros e 3,2% dos não-negros eram autônomos que trabalhavam para uma empresa; e 12,9% dos negros e 10,3% dos não-negros eram assalariados subcontratados (a empresa onde trabalham difere da que lhes paga).

12. Outra forma de avaliar a qualidade da inserção profissional de negros e não-negros é pela análise da composição de grupos ocupacionais segundo níveis de qualificação e tipos de tarefas a eles associados. Nessa perspectiva, notam-se movimentos distintos, entre 2004 e 2008, que, entretanto, não apontam de forma consistente para uma redução da desigualdade entre negros e não-negros: de um lado, houve um declínio da participação de não-negros em postos de direção, gerência e planejamento, de outro, a participação dos negros permaneceu relativamente estável; as tarefas de execução cresceram para ambos, sendo mais intenso entre os trabalhadores não-negros; e houve um declínio para ambos das tarefas de apoio, sendo mais acentuadas entre os trabalhadores negros.

13. Um dos elementos explicativos dessas diferenças de acesso a postos de trabalho de qualidade reside nos níveis de escolaridade alcançados por negros e não-negros. Nas faixas que incluem as pessoas não

alfabetizadas até as que possuem o ensino médio incompleto estavam classificados 44,5% dos ocupados negros e 29,6% dos não-negros, em 2008. Nas que consideram do ensino médio completo até o superior completo, estavam 55,4% dos ocupados negros e 70,5% dos não-negros. O nível de escolarização aumentou nos dois segmentos de raça/cor, em comparação a 2004, mas com mais intensidade para os negros, o que é bastante considerável, levando-se em conta o ingresso mais precoce dos negros no mercado de trabalho, fato que dificulta a continuidade dos estudos desses jovens.

Rendimentos

14. Os dados de rendimentos médios são apresentados por hora, buscando-se eliminar problemas de comparação devido aos diferenciais de jornada de trabalho que possam eventualmente aparecer. Além do fato de as jornadas de trabalho serem normalmente mais extensas, os negros encontram-se em maior proporção em ocupações mais frágeis, seja pela forma de contratação, seja pela inserção em postos de baixa qualificação. Estas são as razões mais evidentes para as diferenças de rendimentos entre eles (R\$ 8,12) e os não-negros (R\$ 12,76). Embora, no período analisado, o rendimento dos negros tenha assinalado um crescimento significativo (13,3%), o dos trabalhadores não-negros foi superior (18,0%), exacerbando o diferencial de rendimentos entre negros e não-negros (a equivalência do rendimento dos negros em relação ao dos não-negros era de 66,3% em 2004 e passou para 63,6% em 2008).

15. Em termos setoriais, apenas no Comércio o desempenho do rendimento médio dos negros foi melhor que o dos não-negros entre 2004 e 2008 (13,0% e 5,6%, respectivamente). Nos demais setores nos quais as informações estão disponíveis, o movimento ocorreu no sentido contrário: nos Serviços, o rendimento dos negros aumentou 16,2% e o dos não-negros, 21,4%; já nos Serviços Domésticos, os negros assinalaram um aumento de 27,4% e o dos não-negros, 33,2%.

16. A diferença de remuneração entre negros e não-negros é percebida também em termos de nível de escolaridade, sendo menos acentuada entre os trabalhadores de nível superior. Em 2008, os rendimentos auferidos pelos trabalhadores negros variavam de 80,7%, diferença percebida entre os trabalhadores com ensino médio completo e ensino superior incompleto, a 93,1% dos rendimentos dos não-negros, situação vivenciada entre os trabalhadores de nível superior. Entre 2004 e 2008 a desigualdade de remuneração entre negros e não-negros piorou, exceção feita ao conjunto de trabalhadores com ensino médio completo e superior incompleto onde se registrou uma relativa estabilidade.

17. A situação sofre poucas alterações quando analisada sob a ótica dos grupos ocupacionais. Em 2008, no de maior rendimento – gerência, direção e planejamento –, os negros obtinham 79,5% da remuneração dos não-negros no mesmo grupo. Essa diferença aumenta entre os que realizavam tarefas de execução (70,7%) ou de apoio (74,2%). Quanto ao desempenho entre 2004 e 2008, o rendimento obtido em ocupações de gerência ampliou-se para negros (21,6%) e, com menos intensidade, para não-negros (20,6%). Entretanto, a situação é inversa nos demais grupos, onde se verifica uma maior expansão dos rendimentos dos não-negros em relação aos negros.

18. Sob a ótica da forma de contratação, ocorreram acréscimos nos rendimentos de negros (11,9%) e não-negros (17,2%) com contratação padrão, o mesmo ocorrendo para aqueles com outras formas de contratação (14,1% e 10,3%, respectivamente), cujos valores são menores.

19. Essas comparações reafirmam a inserção desfavorável dos negros no mercado de trabalho, e ainda pior das mulheres negras. A distribuição da massa de rendimentos do trabalho ilustra bem essa situação, em que os negros apropriavam-se, em 2008, de 48,6% do total da massa e os não-negros, de 51,4%. A mulher negra participava com 19,0% desse total (a não-negra, com 21,1%). Em relação a 2004, houve uma perda de participação dos negros na massa de rendimentos em aproximadamente nove pontos percentuais. O agravamento de tal situação, reforçando os já elevados níveis de desigualdades, indica que ainda há um longo caminho a ser percorrido para superação das condições desfavoráveis dos negros no mercado de trabalho. (Fonte: Dieese)